



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA À SERRA DA ESTRELA.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1990 | Número: 100

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, Expedição Científica à Serra da Estrela. *Revista de Guimarães*, 100 Jan.-Dez. 1990, p. 299-339

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Expedição Científica à Serra da Estrela

Francisco Martins Sarmiento

Revista de Guimarães, n.º 100, 1990, pp. 299-339

EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA À SERRA DA ESTRELA EM 1881

SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA

ADVERTÊNCIA

Como a redacção deste relatório fosse pautada pelos quesitos do programa, distribuído aos membros da secção arqueológica para nortearem os seus trabalhos, entendemos ser conveniente reproduzir o programa na sua íntegra.

O seguinte:

I- ESTAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS

a) Carta topográfica delas. –Nomes que ainda hoje conservam, quer genéricos, como Cividade, Castro ou Crasto, Castelo, etc., quer especiais. –Nomes dos montes, ou outeiros, em que elas ficam. Tradições populares que lhes digam respeito.

b) Examinar se entre elas há algumas diferenças características, quanto à situação, sistema de fortificações, etc.

c) Se dos objectos nelas encontrados, por exemplo, fragmentos de ânforas, de telhas com rebordo, etc., acusando uma influência

romana, se pode inferir quais as anteriores à dominação romana, e quais as que continuaram a subsistir depois dela;

d) Se dentro do seu recinto aparecem em penedos ou lages gravuras características, como círculos, espirais, grupos de covinhas (*fossetes*), etc., que devem ser copiadas escrupulosamente.

e) Adquirir ou pelo menos tirar cópia das pedras ornamentadas, inscrições, estátuas, baixos relevos, que existam nas ditas estações, ou lhes possam ter pertencido, bem como das que se encontrem em qualquer outra localidade da área que se explora.

f) Averiguar, sendo possível, em que direcção a população primitiva dos altos se estendeu para a planície, ou para o vale, e se ela formou uma nova povoação em tempos já cristãos.

E, dado este caso:

g) Estudar atentamente a ornamentação das igrejas antigas, em torno das quais aquelas povoações se constituíram, comparando-a com o estilo das pedras ornamentadas pertencentes à povoação primitiva ou de quaisquer outras estações antigas, ainda que situadas em localidades distintas.

h) Examinar as fontes que se veja terem sido utilizadas pela população dos altos, e explorar o terreno em que elas ficam, se alguma indicação aconselhar tal exploração; recolher as tradições e superstições de que elas forem objecto entre o povo.

i) Adquirir as armas de pedra, de bronze, objectos cerâmicos, moedas que provierem dos monumentos deste parágrafo e dos do parágrafo seguinte.

II- MONUMENTOS MEGALÍTICOS

a) Carta topográfica das antas, antelas (*tumuli*), menires, cromeleques, penedos e lages com gravuras, sepulturas abertas em rocha, etc.

b) Notar as diferenças que possa haver entre estes monumentos e os das nossas outras províncias.

c) Estudá-los sob o ponto de vista da sua ligação com os monumentos do parágrafo antecedente.

E, neste intuito:



d) Examinar a sua posição em relação às povoações dos altos e às estradas ou caminhos que partirem delas.

e) Se pelos objectos que nelas se encontrem, telha romana, objectos de bronze, etc., se pode demonstrar a ligação que se procura.

f) O mesmo com respeito à identidade de gravuras insculpidas nas pedras destes monumentos, ou nas lages e penedos que lhes fiquem próximos, e as encontradas no interior das estações pré-históricas.

g) Verificar se há, ou não, incompatibilidade entre as antas e antelas, e ainda se pelo conteúdo de umas e de outras se pode marcar entre elas alguma diferença cronológica.

h) Se as antas foram, ou não, cobertas por mamoadas, e, neste caso, se há entre as mamoadas das antas e das antelas outras diferenças, além da das suas dimensões.

i) Se algumas mamoadas foram coroadas de menires.

j) Indicar na carta topográfica dos monumentos deste parágrafo os que ocupam os vales, as chãs dos montes e outeiros, ou as gargantas dos mesmos, e os que ficam à beira de caminhos.

k) Tomar nota dos nomes populares destes monumentos e das tradições que o povo lhes liga.

As investigações a que procedemos, e as informações que obtivemos dos práticos, autorizam-nos a estabelecer, até provas em contrário, que no coração da Serra da Estrela não há antiguidades a procurar.

As preocupações literárias, que fariam crer o mais inacessível dos Hermínios habitado pelos nossos antepassados, os lusitanos, têm de desvanecer-se perante a realidade dos factos. É possível, é provável, que em ocasiões de grandes perigos, aquele labirinto de precipícios acenasse com um refúgio seguro às populações dos arredores, que lhe conhecessem os escaninhos; mas este refúgio era então um esconderijo, um asilo temporário, que não podia guardar-nos vestígios apreciáveis dos seus fugitivos ocupantes.

Lembremos sobretudo que a Serra propriamente dita se torna inabitável uma grande parte do ano. A neve alastra tudo. Nos tempos antigos sucedia certamente o mesmo. Ora, é evidente que em paragens onde mora habitualmente o gelo, e portanto a fome, nenhum povo viria assentar estabelecimentos fixos, os quais, diga-se de passagem, se tivessem existido, haviam de deixar ruínas, que não podiam escapar à vista sagaz dos pastores, como lhes não escapam os sinais quase apagados das rochas (*Vid. infra*), tanto mais que essas ruínas, em consequência mesmo da sua situação longe dos povoados, forçosamente nos conservariam intactos os seus materiais.

Devia acontecer nas épocas passadas o mesmo que hoje acontece. A Serra franqueava, durante alguns meses do ano, as suas pastagens ao gado dos povos vizinhos; mas a gente, que vinha pastorear nela, tinha noutra parte os seus domicílios, e nós não podemos esperar que ela nos deixasse por estes ermos outras memórias, se não as que nos deixam agora os seus descendentes e sucessores, alguns marouços¹, que os guiam nas veredas (sic), algum tosco alicerce de curral provisório; isto é, nada, ou pouco mais de nada.

¹Montões de pedregulho. No Minho existe um monte elevado com o nome de Marouço.

O certo é que no largo trajecto da Serra, que percorremos, apenas encontramos com grandes probabilidades de um arcaísmo legítimo os sinais gravados em dois penedos, perto da fonte do Canariz²; mas também com toda a probabilidade estes sinais devem ter sido obra dos antigos pastores, hipótese que se impõe como consequência forçada das observações que ficam feitas.

Estas reflexões são reforçadas por um facto, à primeira vista de pouco valor. Se para fins etnográficos se pergunta aos pastores por bruxas, lobisomens, etc., eles respondem que disso não há na Serra, mas lá para baixo, para a terra chã³, quer dizer, para sítios habitados desde tempos imemoriais, onde, que não nos despovoados, criam verdadeiras raízes as velhas lendas, precisando de uma população que as alimente pela tradição de pais a filhos, e, em regra, de monumentos de civilizações extintas, em que sejam localizadas, e a bem dizer autenticadas.

Agora, se seguimos o caminho apontado pelos pastores, e dirigimos as nossas buscas para as cercanias da Serra, a começar pelos outeiros e cabeços que ligam com as planícies e vales, a esterilidade transforma-se em abundância. Em todas as localidades, aonde nos levaram informações, cuja exactidão verificávamos, colhíamos novas informações, sempre interessantes; e esta boa fortuna, que é possível, mas não é provável que fosse devida ao acaso e não continuasse a acompanhar-nos, deixou-nos a impressão de que para explorar com proveito, não dizemos toda a área marcada pela Sociedade de Geografia, mas somente aquela que tínhamos tenção de percorrer, desde S. Romão, a sul de Seia, até à Covilhã, dando volta por Folgozinho e Guarda, ser-nos-ia indispensável um prazo incomparavelmente mais longo que aquele que nos foi dado. Infelizmente, o tempo, de que podemos dispor, foi pouco e esse

²A forma destes sinais é . O que nos inculca a antiguidade destas gravuras é a sua analogia tal qual com outra, que se encontra numa fonte das faldas do monte de S. Romão (Citânia) e o parentesco visível das tradições de ambas as fontes: na de Briteiros há um «sino de ouro» dos mouros; na do Canariz existe «grande haver de mouros». A gravura da fonte da Briteiros é  e consideramo-la antiga, porque a encontramos na Citânia associada a um suástica.

³Há excepções, mas raras e muito incertas. Assim, a lenda relativa à Lagoa Escura é localizada aqui e em sítio muito distante. O caso de um sujeito raptado por uma bruxa na nave de Santo António tem todos os visos de exótico.

mesmo mal aproveitado, em razão da dificuldade e principalmente da morosidade dos meios de transporte, de modo que só podemos entrever a riqueza arqueológica desta região, e fazer um reconhecimento muito ligeiro de uma pequena parte dos seus monumentos.

Impossível nos é, por isso, satisfazer plenamente às exigências do nosso programa.

Não obstante, seguiremos neste relatório a ordem dos seus quesitos, declarando francamente a causa por que alguns deles foram prejudicados.

I

ESTAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS

a) Só encontramos estações pré-históricas do tipo da Citânia e de Sabroso, a que nos referiremos por vezes, visto serem já conhecidas e em parte exploradas.

As que examinamos são: Castro de S. Romão (freguesia do mesmo nome), Cabeço do Castro (Torrozelos), Tintinholo (Guarda).

Entram com toda a probabilidade na mesma categoria: Cristelo, a sul de Seia, notável só pelo nome; Castro de Paranhos; Castro de Alfátema (freguesia de Passos); ruínas em Folgozinho e arredores, como Cabeço de El-Rei e Castelo Reigoso; Castro de Valhelhas; ruínas da Senhora da Serra ou da Penha (defronte da Covilhã); Cabeço de Argemela, pertencente parte ao Fundão, parte à Covilhã; Castro (?) dos Três Povos; ruínas da Serra da Senhora da Póvoa; Castro em Pero Viseu; ruínas da Serra do Sobral.

Creemos firmemente que esta lista seria largamente ampliada por um explorador, que pudesse percorrer com vagar o itinerário, que já dissemos ter tido tenção de percorrer⁴.

⁴Para prova: de uma nota que nos deu o sr. Luís de Matos, de Tortozendo, resumimos, pela ordem em que as recebemos, as seguintes informações: «No limite de Unhais, no alto de Aboça, assento de muralha; por cima, às vistas de Verdelhas, outro, mas maior; em Verdelhas, outro; às vistas da Aldeia de Matos dizem que há mais dois, chamados por alguns castelos dos Patoetas, por outros castelos Redadeiros; na Aldeia de Souto outro, e aí um arco, como o de Bobadela, chamado Arco de S. João. No concelho do Fundão, no limite de Lavacolhos, assento de muralha no Cabeço Gomes; às vistas do Casal da Serra, freguesia anexa a s. Vicente da Beira, grande muralha demolida. Por cima do limite dos Três Povos muralha no Cabeço de Escarrigo. No concelho de Penamacor, no sítio chamado Tabeiró, houve uma grande cidade, a que dão o nome de Serebeca. No concelho de Belmonte, ao pé do Zêzere, grande cidade. No concelho da Guarda, limite de Videmonte, no fundo da Serra de Bois, grande muralha.»

Como se vê, o nome mais trivial é o de Castro (sempre com metátese); o de Castelo aparece algumas vezes; o de Cristelo uma só. nenhuns outros nomes genéricos chegaram ao nosso conhecimento, o que não prova que os não haja, pois que, repetimos, as nossas explorações foram muito incompletas.

Se os nomes especiais, como Alfátema, Reigoso, Tintinholho, Argemela, etc. pertencem às povoações destruídas, se aos montes em que elas assentam, não o podemos averiguar, e menos ainda o valor arqueológico que podem ter tais nomes.

Nenhuma tradição colhemos acerca destas povoações arruinadas. Apenas do Castro de Alfátema conta a legenda ter sido destruído (sic) por uma invasão de gafanhotos e de formigas⁵. De resto, como nas nossas outras províncias, os monumentos antigos são aqui atribuídos aos mouros.

b) Não notamos diferenças consideráveis entre as estações que visitamos. Como o dissemos já, todas elas têm o tipo das ruínas exploradas no Minho, quanto à sua posição, sistema de fortificações, etc.

Assim, o Castro de S. Romão ocupa um cerro de abruptos declives, principalmente pelo norte, ponte e nascente. A ribeira da Caniça e o Alva cingem-no em parte, aumentando ainda as condições da defesa. As duas correntes confluem ao norte do cerro, tomando a resultante o nome de rio Alva. Aos leitos muito fragosos destas ribeiras fica sobranceira a cumeada em 150 metros proximamente.

Geologicamente é muito notável o cerro, porque ali se ligam as formações graníticas, a grande massa da Serra da Estrela, e a dos xistos; a parte mais elevada e toda a escarpa do norte sobre a junção dos rios é granítica, íngreme em extremo.

São perfeitamente visíveis os vestígios das fortificações; a grande distância mesmo a forma do cerro e a grande linha bem distinta da muralha exterior, uns 60 metros abaixo da cumeada, chamam logo a atenção. As muralhas são muito distintas do lado do sul, e formadas quase inteiramente de blocos de xisto; a superior, no cabeço granítico, é de blocos de granito e formava um pequeno recinto. A trincheira é um terraplano de 200 metros de comprimento, chamado na localidade Carreira dos Cavalos. A muralha exterior, no seu lado do sul, ainda se

⁵A lenda de uma cidade destruída por gafanhotos repete-se noutras ruínas próximas de Pinhel.

reconhece perfeitamente, tanto que só se pode penetrar no recinto fortificado pela antiga entrada, uma rampa bem definida, como se vê na estampa I⁶. Na cumeada há uma grande aglomeração caótica de grandes blocos de granito, que mais parecem da natureza que da arte; em alguns casos, porém, as pedras estão dispostas de modo tal, que parecem que as aproveitaram, deslocando-as com intenção para formar abrigos; nenhum caso, todavia, em que se possa afirmar construção, edifício determinado. Principalmente no recinto mais vasto, entre a segunda e terceira muralha, deparam-se frequentemente fragmentos de cerâmica e de telhões com rebordo.

O Cabeço do Castro (Torrozelo) tem no essencial o mesmo carácter que o Castro de S. Romão, salvo que é de mais pequenas dimensões, e fica numa colina muito mais baixa. Toda a pedra das ruínas tem sido completamente saqueada. Ainda assim é bem visível a linha por onde corria a muralha na coroa do cabeço. Fragmentos de cerâmica grosseira, fragmentos de telha com rebordo, encontram-se facilmente à superfície do solo, e, segundo nos afirmaram, quando por

⁶ *Explicação da estampa:*

a Muralha bem visível, horizontal a princípio, depois descendo para o sul.

b Muralha bem visível, ligava com *d*, a acção das águas ravinou o outeiro, arrastando os blocos.

c Bem visível, grande acumulação de grandes blocos de granito, muito deslocados.

d Forma uma espécie de plataforma, e chamam-lhe, no sítio, Carreira dos Cavalos.

e Grande acumulação de grandes blocos de granito; alguns parecem deslocados para formar abrigos.

f Rampa de entrada bem visível.

A vertente norte e ambos os declives sobre as ribeiras muito abruptos.

O do sul muito suave.

Na vertente norte uma pequena gruta natural, a casa da moura.

Fragmentos de cerâmica grosseira, variada junto da muralha *b* e no declive para

a.

Em *e*, sob um bloco muito saliente, fragmentos de cerâmica negra, e fragmentos de telhas, vasos e um tijolo romano.

Lendas de tesouros, haveres. Um sítio estava mexido recentemente, e o guia disse que provavelmente fora alguém que ali demandara haveres. Todavia não consta que ali se tenha descoberto algum objecto notável.

A muralha denuncia-se a distância. Os muros *a* e *b* são em blocos de xisto; a vertente norte é granítica, mas a meridional é de xisto.

ali se arranca alguma árvore, a terra vem sempre misturada com muito carvão.

Tintinholho não tem diferenças notáveis dos Castros já descritos; mas a pequena escavação que aí foi feita pelo sr. Bravo, engenheiro do distrito da Guarda, na qual, além de outros objectos, foi recolhida uma moeda de D. João I, mostra que as povoações deste tipo podiam muito bem ter prolongado a sua existência até épocas relativamente modernas⁷. Tintinholho fica a noroeste e a 7 quilómetros da Guarda. Do lado do norte são evidentes os vestígios de três ordens de muralhas (*vide* est. II, fig. 2), e no planalto vestígios de construções antigas. Todo o sítio é ermo agora; a parte mais elevada, pelo escarpado e fragoso, não é cultivada. Na baixa, a 2 quilómetros, fica a povoação de Cavadonde (ou Cavadondes nos documentos antigos), e no sopé do pico encontram-se duas quintas, uma das quais é conhecida pela denominação de Tintinilho ou da Fome. Fora da terceira muralha, a noroeste, estende-se uma ampla chapada, que parece artificial, comparada com a orografia local; em toda ela, são vulgares fragmentos de cerâmica, telha com rebordo, etc. No fundo da vertente corre o Mondego.

Das outras ruínas, que somente conhecemos por informações, diremos que, se estas informações são exactas (e não há razão para acreditar que o não sejam), o exame delas e principalmente uma escavação bem dirigida deve fornecer à nossa arqueologia subsídios da máxima importância. Mencionaremos com especialidade Folgozinho com a sua rua feita pelos Galhardos (diabos), os braceletes de ouro e os machados de bronze ali encontrados, as suas «letras gregas» (*sic*) nas Fragas do Avento; a serra da Senhora da Serra com os seus punhais de cobre e «letras gregas»; o grande cabeça de Argemela com as suas três ordens de muralhas; a serra do Sobral e imediações com os seus inumeráveis sinais gravados em rocha, pegadas, etc.

c) Nas três estações, que examinámos, a influência é francamente acusada pela presença de telhas com rebordo; mas a origem pré-romana de todas elas parece-nos incontestável, atenta a sua analogia com Sabroso, onde não aparece o mínimo vestígio de influência romana, o que torna estas últimas ruínas, se não estamos

⁷E não é para admirar. A povoação do Freixo, no concelho de Marco de Canavezes, ocupa a coroa de um monte, que mostra ainda vestígios muito claros de um Castro, não menos importante que o de Tintinholho.

enganados, o protótipo de uma povoação puramente lusitana, pela qual todas as outras devem ser aferidas.

d) Dentro do recinto das estações, que vimos, não encontramos, insculpidos em penedos ou lages, círculos concêntricos, espirais⁸, covinhas (*fossettes*), vulgares nas ruínas do Minho.

Devemos porém advertir que nos faltou tempo para um exame minucioso, e os que estão familiarizados com esta ordem de investigações sabem que dificuldades há em descobrir tais sinais, que os agentes atmosféricos têm muitas vezes quase obliterado e alguns dos quais só se tornam visíveis, quando a luz os fere de um certo modo.

A sua existência é tanto mais provável, que não faltam noutras partes desta região gravuras em rocha, como se induz do que já fica dito e como se verá mais circunstanciadamente em seguida.

e) Não tivemos notícias de pedras ornamentadas, nem de baixos relevos, pertencentes aos monumentos de que tratamos ou a outros da mesma época. Quanto a estátuas, falaram-nos de uma cabeça aparecida em Bobadela, hoje no instituto de Coimbra; uma perna achada em Girabolhos, e três cabeças de argamassa (*sic*) encontradas na Serra do Sobral. Excepto porém o fragmento da estátua de Bobadela, tudo o mais está perdido, segundo inferimos.

De inscrições há a mencionar as de Bobadela, que vão adiante copiadas (*vide* est. III, fig. 3 a 7), a notícia das «letras gregas» existentes, como já dissemos, nas Fragas do Avento e na Serra da Senhora da Serra, e além disso no Chão Cimeiro (Ribeira de Unhais) e noutras partes. Observaremos que a comunicação desta notícia das letras gregas nos foi feita por um homem do povo e não é raro ver dar ao povo o nome de «letreiro» a qualquer gravura em rocha.

Debalde nos esforçámos por alcançar cópia destas inscrições ou destas gravuras.

f e g) Pelos motivos atrás repetidos, não nos foi possível colher os dados que desejávamos, para o esclarecimento destes dois quesitos. Não repugna acreditar, antes pelo contrário, que, por exemplo, as actuais povoações de S. Romão e de Torrozelos sejam os representantes das povoações arruinadas dos Castros, que lhes ficam próximos; mas a comparação do estilo ornamental, usado nestes

⁸A única espiral que encontramos é de Bobadela (*vide* est. IV, fig. 8), mas não gravada em rocha.

Castros ou em quaisquer estações da mesma idade, com o das igrejas antigas, comparação, que poderia reforçar de um modo positivo as probabilidades da sua filiação⁹, falta, tanto, porque, já o dissemos, nenhuma pedras ornamentadas descobrimos nas nossas indagações, como por não acharmos nas igrejas, que visitámos, analogias frisantes com a ornamentação em uso noutras estações pré-históricas do nosso país.

Apressemo-nos porém a acrescentar que na maioria das localidades as igrejas antigas estão substituídas por edificações de ontem e os seus materiais foram provavelmente atirados, como é costume, para os alicerces ou para o interior das construções modernas.

Como excepção, apontaremos a igreja velha de Tourães, cujas ruínas têm sido respeitadas até certo ponto, e apontamo-la propositadamente, porque aí, em quase todas as aduelas do arco da porta principal aparece gravada a figura igual a outra que se vê numa lage, perto de uma casa da Citânia. Este caso isolado pouco vale, é certo; mas não pode também ser absolutamente desprezado¹⁰, mesmo que seja marca de pedreiro a figura em questão.

Se porém esta ordem de subsídios é mais que insuficiente para o objecto que nos ocupa –o estudo de transição das povoações dos altos para as planícies e da sua ligação com as povoações actuais– em compensação, o exame de Bobadela parece-nos de uma importância excepcional sob este ponto de vista. Muito provavelmente a povoação primitiva, como a de Torrozel e outras, teve o seu assento num cabeço. Com efeito, a sudoeste e perto da vila, vê-se o monte do

⁹Não se tenha como mera fantasia o subsídio que indicámos aqui para esclarecimento desta questão. Na antiga igreja matriz de Valença do Minho, entre outros ornatos, figura um suástica idêntico aos da Citânia. Suásticas e espirais, encontrou-as um membro desta secção na capela de Balsemão, perto de Lamego. A ornamentação curvilínea de alguns arcos-cruzeiros de antiquíssimas igrejas, como a de S. Miguel do Castelo (Guimarães), faz lembrar o estilo ornamental de Sabroso, da Citânia e da Cidade (Âncora). Que entre nós existiu uma arte pré-romana parece indubitável, estudando aquelas estações; e que algumas reminiscências dela, pelo menos, atravessassem a época romana nada tem de admirável. E em todo o caso esta opinião não é tão original, que não tenha sido sustentada, com relação à França, por alguns sábios daquele país.

¹⁰Diremos ainda que a espiral, servindo de ornato como em Bobadela, se encontra na Citânia na padieira de uma porta, por baixo da inscrição: *Coroneri | Camali | Domus*.

Rocio, em cuja vertente oriental se encontram, segundo informações fidedignas, restos de construções, fragmentos de barro, etc. A povoação moderna, que fica num convale, apresenta o aspecto de uma vila genuinamente portuguesa e mais genuinamente beirã, que se obstinou em viver sobre as ruínas de uma cidade luso-romana, sem saber muito bem o que havia de fazer dos escombros, que entulhavam o terreno, onde erguia os seus edifícios. Uma quantidade inumerável de fustes de colunas, de capitéis (sem ornato digno de nota), de bases e algumas outras relíquias, que se acham luxuosas, depois da visita dos rudes Castros, estão por ali acomodados a trouxe mouxe, em casas de deplorável aparência, em posições grandemente disparatadas.

Mas esta mistura da cidade morta com a povoação viva, à primeira vista extravagante, acaba por influir certo respeito e impõe a crença, um pouco sentimental, é verdade, de que nem os séculos nem as revoluções políticas lograram até hoje exterminar destes sítios uma comunidade, que, há centenas de anos, os escolheu para pátria. Seja como for, a cidade, a que chamamos luso-romana, à falta de melhor denominação, foi sem dúvida construída num lugar aberto contra o uso corrente das povoações anteriores, que procuravam as eminências, abrigando-se atrás de sólidas muralhas, e é o documento positivo de um período social, novo para a Lusitânia, o da «pacificação», para empregarmos a linguagem dos conquistadores romanos.

A sua destruição, quer devida às hordas germânicas, quer às dos árabes, acabou apenas com os edifícios: uma nova povoação renasceu das ruínas da povoação antiga, pelas mesmas razões, parece, por que, séculos antes, a povoação do alto do monte descera para a planície, que lhe ficava mais perto -o amor ao berço natal.

Se pois não estamos em erro, neste pequeno recanto da Beira a civilização pré-romana, romana e pós-romana deixam perceber os elos do seu encadeamento com uma nitidez relativa, que não é fácil encontrar noutra parte, e este facto julgamo-lo de suma importância, tanto absolutamente, como por dar uma consistência real a induções, que o exame localidades tornava até hoje pouco menos de arbitrárias.

h) O culto das águas, e nomeadamente das fontes, parece ter sido vulgar entre os nossos antepassados. Sem falar nos deuses Bormânico, Tameobriga, etc., diremos que na encosta do monte da Saia (concelho de Barcelos), em cujo cimo existem ruínas iguais às que temos descrito, foi descoberto há poucos anos um monumento,

que sem dúvida nenhuma era consagrado a alguma divindade, que tinha relação com águas¹¹. A água que alimentava o tanque do santuário tem ainda hoje virtudes miraculosas. Conforme a tradição, a nascente principal rebentou da pegada (daqui o nome de Pegarinho, Fonte do Pegarinho, segundo a mesma tradição) da jumenta de Nossa Senhora, quando fugia para o Egipto, exemplo frisante, no nosso entender, da persistência das antigas lendas pagãs sob uma forma cristianizada.

Nas faldas de Sabroso houve um monumento idêntico ao da Saia. Próximo do castelo de Vermoim, outra estação de origem pré-romana, há probabilidades de ter existido outro.

Nas nossas investigações nada encontrámos, que nos fizesse suspeitar da existência de tais monumentos, e por isso nenhuma escavação fizemos para esclarecer este ponto tão interessante, quão obscuro das nossas antiguidades. Não nos cansaremos porém de repetir que o reconhecimento dos arredores da serra da Estrela exige muito tempo e muita minuciosidade. Uma exploração nestas condições deve dar resultados importantes, porque "Fontes de Mouros" e fontes notáveis pelos tesouros, que contêm (na voz do povo), e outras, que já os contiveram na realidade, se as informações são verdadeiras, não faltam por ali, o que é um excelente indício. A fonte de Torrozelo é dos mouros e há lá riquezas ocultas, diz a lenda. A fonte dos Namorados nos Três-Povos é dos mouros. Na fonte da Pena Lisa têm aparecido barras de ouro. Em Santiago, defronte de Seia, na «fonte Mourinha», tem sido vista a própria moura a lavar ouro. Quando é surpreendida por algum observador, faz-lhe uma momice e desaparece sob a forma de flocos de lã.

i) Apenas pudemos adquirir e entregámos fragmentos de cerâmica e de vidro de pouca importância, encontrados em Tintinholo e no Castro de S. Romão, uma moeda de D. João I, achada nas escavações de Tintinholo, dois machados de bronze encontrados em Azevo, (vide est. IV, fig. 9 e 10) cada qual da sua forma, oferecidos pelo sr. Santos, 107 moedas romanas, encontradas na aldeia do Bispo e oferecidas pelo sr. António Ferreira dos Santos, da Guarda.

¹¹Hoje quase inteiramente destruído. Duas pedras que lhe pertenciam, onde estão esculpidas duas figuras humanas e a cabeça de um animal, escaparam ao vandalismo, e são hoje propriedade de um dos membros desta secção.

É aqui lugar próprio de mencionar os objectos, que se diz haverem sido achados nas localidades, de que nos temos ocupado. No lugar de Nogueira, sobre Seia, onde aparecem vestígios antigos e que pode muito bem ter sido a primeira sede da povoação daqueles sítios, encontrou-se uma chapa de oiro com a letra M (informação do sr. António Saraiva da Costa, a quem devemos valiosos serviços). Em Torrozel, num batatal, apareceu um «botão de prata, maior que um pinto, com um leão, um caçador e uma lebre na carreira». É possuidor deste objecto um herdeiro de Francisco Augusto, de Torrozel, segundo conta a nossa informadora, a sr. Ana de Lemos, estalajadeira, que, para nos fazer a vontade, lho foi pedir duas vezes, encontrando-o sempre a dormir, valha a verdade. No Castro de Alfátima achou-se uma «bengala de prata com cadeia do mesmo metal», vendida a Ribeiro Saraiva, de Passos (informação do sr. António Saraiva da Costa, de Seia). Em Folgozinho, perto das Fragas do Avento, um carvoeiro, há poucos anos, ao arrancar uns raizeiros, descobriu cinco braceletes de oiro, o mais grosso dos quais foi vendido por £ 50. Há coisa de um ano apareceram mais dois iguais, mas em localidade muito distante¹² (informação do sr. António Ferreira dos Santos, da Guarda). No Castro dos Três Povos foram encontradas moedas de oiro (informador o sr. José Luís de Matos, do Tortozendo). Em Gibraltar, perto de Teixoso, apareceram num rego de água «11 tigelões e 15 tigelas de prata» e não longe umas «argolas de oiro encadeadas» (do mesmo informador). Na fonte da Pena Lisa encontrou-se uma «barra de oiro que pesava libras 60» (idem). Próximo do Castelo Reigoso encontrada uma «meada de arame de ouro, de que os pastores fizeram colchetes para as suas capas» (de vários informadores, entre eles um amigo do sr. António Ferreira dos Santos).

Omitimos os achados de oiro em pó e de pedras preciosas.

Rebatendo o que possa haver de exagerado em algumas destas afirmativas, o certo é que alguns destes achados são perfeitamente autênticos. Um dos membros da secção arqueológica possui dois dos braceletes encontrados em Folgozinho (vide est. V, fig. 11 e 12), um dos quais custou £24 e é fora de dúvida que dois outros, vendidos pouco antes a um ourives do Porto, eram duas vezes mais pesados. Do

¹²Em Pena-Lobo.

mesmo modo o arame de oiro, de que os pastores fizeram colchetes, ignorando o seu valor, é um facto incontestável.

Mencionaremos ainda, por ter importância como legenda, o «altar de oiro e a bezerra de oiro», que estão debaixo do altar da igreja de S. Romão, perto do Castro do mesmo nome.

O achado de armas de bronze nesta parte da Beira não é raro, e dantes parece ter sido vulgaríssimo. Informações de boa fonte dizem-nos que uma quantidade inumerável de machados de bronze tem desaparecido no cadinho dos fundidores.

Ocupámo-nos há pouco de Bobadela, como de uma povoação imensamente importante para o estudo da transição da civilização pré-romana para a romana, e desta para a dos séculos subsequentes; mas este estudo só poderia ser feito com aproveitamento, se uma exploração metódica e minuciosa arrancasse debaixo daquele solo os segredos, que lá devem estar soterrados. As relíquias hoje à vista fazem desejar ardentemente a extracção de muitas outras, que é lícito supor escondidas à profundidade de poucos palmos.

O monumento mais bem conservado é o arco romano (vide est. VI, fig. 13), defronte da igreja, mas em direcção cruzada com ela. A duzentos passos para o poente vêem-se restos de um segundo arco, igual ao primeiro, e de um ao outro corria uma calçada coeva deles, que seguia depois em direcções divergentes e mal determinadas, e que, segundo informações que nos repetiram com insistência, existe ainda excelentemente conservada, quatro palmos abaixo da calçada actual. Por qualquer quintal, por qualquer alpendre, encontram-se fustes e fustes de colunas de diferentes dimensões, capitéis de colunas, bases de colunas, e o observador, passado algum tempo, começa a sentir certa impaciência por querer ver alguma coisa mais que destroços de colunatas, alguma curiosidade mais que ninguém lhe mostra, quando aliás debaixo dos seus pés hão-de existir dúzias delas, como lho inculca o aspecto geral da povoação em ruínas e o título, embora imodesto, de «*splendíssima*», de que ela se jactava.

Mas nada. Tem de contentar-se com ver à beira de uma rua um pedaço de cimento romano; com saber que frequentes vezes aparecem por ali moedas, que ninguém guarda, moinhos de mão e objectos de pouca importância. Perto da casa do Ervedal, indo à busca de inscrições, que lhe dizem haver lá, encontra por acaso, a aflorar do solo, uma pedra cilíndrica com uma espiral gravada no seu topo aparente (vide est. III, fig. 3 a 7), e três sepulturas em rocha, duas na



casadesarmento

centro de estudos do património

Pedra da Estrela, a pouca distância da povoação, a terceira um pouco mais longe.

É com verdadeiro pesar que não podemos dar mais notícias destas curiosas ruínas; mas os seus grandes segredos estão à espera de um explorador que vá desentranhá-los do solo.

II

MONUMENTOS MEGALÍTICOS

Dos monumentos respectivos a esta parte do programa temos só a mencionar: antas, sepulturas abertas em rocha e penedos com gravuras (mas vide *in fine* parágrafo *Antinhas*).

a) *Antas* – As antas, que examinámos, encontram-se em Paranhos e nomeadamente, uma no lugar do Fontão, uma no lugar da Coutada, uma em Valdeivão, uma em Candimens, duas no Chaveiral. Todas elas estão arruinadas, excepto a primeira. Há-as, segundo nos asseveraram, no Seixo, em maior quantidade que em Paranhos; em Vila Verde (Tourães); em Nelas; em Canas de Senhorim; em Sabreda; na Carrapichana; no Carrapito; em Aljão; no Carvalhal de Gouveias, já para o lado de Pinhel. Vimos as duas últimas.

Sepulturas em rocha: uma em Nogueira, sobre Seia; uma em Torrozelo, no Penedo de Bom Nome; uma no lugar da Aboca, e uma no de Soitinho, não longe ambos os lugares de Oliveira do Hospital; quatro em S. Paio de Gramanços; três perto de Bobadela; quatro em Paranhos; algumas em Girabolhos; muitas junto do Castelo Reigoso; duas no Jarmelo, defronte da igreja de Santa Maria. Não falámos nas de Trancoso, Moreira de Rei, etc.

Penedos com gravuras: Fonte do Canariz; no Sabugueiro; em Santa Eulália, a sul de Seia, defronte da capela de S. Bartolomeu; em Nogueira, sobre Seia; em Gramaça; na serra das Águas de Ceira; no Chão Cimeiro (Ribeira de Unhais); na serra do Sobral.

Ainda mais que a dos Castros, a lista destes monumentos e de alguns outros indicados pelo programa deve ser considerável, se a exploração destes sítios for feita com vagar e método. A anta do Fontão, por exemplo, que foi causa da nossa visita a Paranhos, deu lugar a que pudéssemos examinar mais cinco na área de pouco mais

de 1 quilómetro e a colhermos informações sobre muitas outras em freguesias circunvizinhas.

b) O desenho da anta do Fontão (est. VI, fig. 14 e 14-A), da do Aljão (est. VII, fig. 15 e 15-A), e do Carvalho de Gouveias (est. VIII, fig. 16 e 16-A), dispensam-nos de miúdas descrições e deixam ver que não há diferença importante entre estes monumentos e o geral das nossas outras províncias.

Todos eles têm galeria.

A anta do Carvalho de Gouveias fica entre esta localidade e a de Pera de Moço, no sítio que tem o nome de Quinta da Estalagem.

Está no meio de um campo cultivado e serve, ora de cozinha, ora de abrigo aos guardas do campo ou aos rapazes que pastoreiam gado. O interior da câmara tem sido por vezes revolvido. A mesa tem 2,50 m; os suportes medem de altura 2 metros. É uma construção pequena, mas sofrivelmente conservada.

A anta do Aljão é de maiores dimensões. Fica entre o quilómetro 28-29 (contando de Celorico para Coimbra), a 100 metros da estrada, numa lombada natural, plantada de vinhedo. Faltam-lhe três suportes, de que restam ainda assim troços importantes. Afora isso está bem conservada. Altura dos suportes 2,50m; comprimento da mesa 3,20m.

A anta do Fontão está numa chã, a que dão o nome de Vale da Igreja. A sua altura (referimo-nos sempre à parte descoberta dos suportes, não podendo calcular ainda a parte soterrada) é de 2 metros; a mesa tem 2,80m no diâmetro do seu eixo, 3,05 no diâmetro que cruza com ele.

Todas as outras antas que vimos estão arruinadas, repetimos.

Nenhuma delas tem gravuras. Apenas sobre a mesa da anta de Fontão se vêem duas cruces do seguinte feitio ; mas a circunstância de ser a anta, desde tempos remotos, propriedade de dois quinhoeiros, faz crer que estes sinais, como sucede noutras partes, não passam de marcas divisórias. No entanto um dos co-proprietários, que estava presente, nada soube dizer que pudesse confirmar ou invalidar esta explicação.

A forma vulgar de todas as sepulturas abertas em rocha, de que nos deram notícia, é, segundo podemos inferir da descrição que delas nos fizeram, a mesma que a das quatro de Paranhos, todas iguais, e de uma das quais damos o desenho (est. IX, fig. 17), bem como de outra de Jarmelo (est. IX, fig. 18). Comprimento 1,80m, 0,54m na maior largura, 0,46m na menor, 0,17m de raio no semicírculo, onde

entrava a cabeça do cadáver, 0,23m de profundidade. Não tem rebaixe, que indique ter sido coberta por tampa de lousa, e é possível que o fosse por um lascão, como acontecia noutras partes¹³.

Os penedos, em que estão abertas as sepulturas de Paranhos, pouco se elevam acima da superfície do solo.

No Minho, onde abundam sepulturas deste género, há maior variedade de formas. Devemos, porém, advertir que vimos um número pequeníssimo, em relação às que nos noticiaram, e pode bem suceder que não sejam de todo exactas as informações quanto à sua identidade com as de Paranhos.

De gravuras em penedos e lages somente examinámos as dos penedos junto à Fonte do Canariz (vide nota nº 2). A gravura do penedo de Nogueira (est. X, fig. 19) devemos-la ao sr. Saraiva, que a desenhou de memória. No Sabugueiro há ainda uma gravura (est. X, fig. 20), que nos foi traçada sem hesitação pelo nosso informador (Manuel Lopes); mas pela descrição, que ele nos fez, a pedra, em que ela se encontra, não pertence propriamente à categoria das rochas esculpturadas¹⁴.

Nenhuma destas gravuras, salvo a do Canariz, se assemelha às que conhecemos; mas as «pegadas» e «ferraduras», que nos disseram haver na serra das Águas de Ceira, e no limite da Coutada, e os círculos concêntricos no sítio da Gramaça, etc., são vulgares, por exemplo, no Minho, e dignos, principalmente os últimos, de um estudo especial.

c,d,e,f) As relações de todos estes monumentos com os Castros apenas as podíamos estudar em Paranhos, pois que visitámos esta localidade e aí encontrámos a associação de uns e de outros. Com efeito a nordeste das antas, que examinámos, foi-nos indicado um Castro, que pelo nome em si, pela posição num alto e pela

¹³Nomeadamente em Refojos do Basto, no sítio chamado «As campas dos mouros», não longe das ruínas da Cividade. A tampa da sepultura, que, diga-se de passagem, tem exactamente o mesmo feitio e quase as mesmas dimensões que as de Paranhos, era pela sua parte superior uma grande pedra informe, e tão informe, que por muito tempo se supôs que ela formava um só corpo com o penedo inferior, onde a sepultura estava aberta. Foi descoberta por acaso.

¹⁴Chama-se «Pedra da Meda». Os sinais da pedra eram indicativos de um tesouro, mencionados, tesouro e sinais, num «Roteiro» (tombo noutras partes). O tesouro apareceu, por fim, mas foi empalmado por um espertalhão, etc.

circunstância de ainda conservar vestígios de muralha e montões de pedra solta, conforme nos asseveraram, não pode deixar de ser idêntico aos outros, que descrevemos acima. Mas o tempo indispensável à minuciosa investigação, que envolvem os quesitos desta parte do programa, faltou-nos de modo, que tivemos de recorrer à luz artificial, para não sairmos de Paranhos, sem vermos as suas curiosidades mais importantes.

A impossibilidade, pois, de procurar caminhos de exclusiva serventia dos Castros, ponto já de si muito escabroso, a falta de explorações que pudessem fornecer objectos similares e a da descoberta de gravuras que, pela sua identidade, ajudasse a estabelecer a ligação que se pretendia apurar, inabilita-nos para indicar uma solução qualquer ao problema que o programa formula, e que, como se vê, é de uma importância suma, para ser tratado ligeiramente.

g, h) Acima excluímos as antelas¹⁵ do número dos monumentos que visitámos e fizemo-lo propositadamente. Aos monumentos de Paranhos demos o nome de antas, declarando contudo que, à excepção do do Fontão, todos os outros estão arruinados. Devemos acreditar que o estão a tal ponto, que é quase impossível decidir se realmente houve ali uma anta, se outra coisa, salvo num dos monumentos do Chaveiral, onde um lascão enorme, já desmontado dos seus suportes e tendo uma das suas extremidades obliquamente enterrada no chão, oferece todas as probabilidades de haver sido a mesa de uma anta. O que nos decidiu a dar a todos estes monumentos o nome de antas foi o terem-nos sido todos eles, incluindo a anta perfeita de Fontão, indicados como «casas dos mouros». Sem isso, ou sem alguma escavação, ninguém poderá afirmar com consciência que espécie de monumentos ali há. O que, porém, pode afirmar-se com toda a certeza no de Cadimens, no do Chaveiral com grande lage, e no de Valdeivão, é que ali há uma mamoa.

¹⁵ Chamamos antela ao que os arqueólogos chamam «tumulus» no sentido de sepultura não dolménica, coberta por uma mamoa, fechada pelos seus quatro lados e tampada com pedras de maior ou menor largura. Evitamos assim a confusão da homonímia «tumulus» sepultura, e «tumulus» mamoa, e empregamos termos de origem popular: mamoa, anta e antela, cada um dos quais exprime coisas perfeitamente definidas.

Deste último foi unicamente a mamoa, destacando-se a alguma distância numa lombada sobre o azul do horizonte, que pudemos ver, apontada ao dedo pelo nosso guia. A mamoa de Cadimens vimo-la de perto; a do Chaveiral, já especificada atrás, vimo-la e medimo-la, contando 22 passos de diâmetro, diâmetro quase invariável das mamoas que cobrem as antas do litoral do Minho.

Daqui de duas uma, e isto traz-nos à resposta dos quesitos desta parte do programa: ou todos os monumentos de Paranhos são antas, dólmenes, e todas as antas desta localidade eram cobertas por mamoas¹⁶, ou alguns eram antelas e a incompatibilidade entre as antas e antelas não tem aqui lugar, como também o não tem no Minho¹⁷.

Atendendo a que a grande lage do Chaveiral inculca mais um dólmen que outra coisa, e que a mamoa é aqui perfeitamente distinta, a primeira hipótese parece ser a mais aceitável.

Não obstante, bem que não encontrássemos nas nossas excursões antela alguma bem definida, inclinamo-nos a crer que nesta região, onde abundam as antas, também não hão de faltar antelas; mas, pela desfortuna de as não encontrarmos, vê-se bem que não podemos resolver nada neste particular, e ainda menos sobre as diferenças das mamoas das antas e das antelas e sobre a sua questão cronológica.

i) Todas as mamoas que vimos estão descoroadas, em consequência das escavações nelas feitas com diversos fins. Se tiveram ou não *menires* não é possível saber-se. A não ser-nos defeso o campo das suposições, diríamos que nunca os tiveram, porque, além de tudo, nunca os encontramos em monumentos deste género, e apenas por informações nos consta que os há para os lados de Penafiel, facto que precisa de ser averiguado com todas as precauções.

¹⁶A anta do Fundão foi coberta primitivamente por uma mamoa? Neste ponto as opiniões dos membros da secção dividem-se, e temos somente a expor os seguintes factos: a anta não mostra hoje sinais de mamoa. Duas testemunhas presentes afirmam que, ainda há poucos tempos, em torno dos suportes da anta o solo se elevava coisa de ½ metro acima do nível actual. O nível do recinto interior é superior cerca de um palmo ao do solo circunstante.

¹⁷Temos encontrado aí antas e antelas formando um grupo, por exemplo, em Vila Chã, concelho de Barcelos.

j) Não encontramos monumento algum dos que nos ocupam em garganta de monte, o que aliás não é raro no Minho, suposto que sempre à beira de algum caminho, sendo de presumir que esta última circunstância determinasse a sua posição e não a configuração do terreno.

À beira de caminhos ficam: a anta do Fontão (caminho de Paranhos a Nelas), a da Coutada (caminho do Seixo para Carvalhal) e a de Valdeivão. Dos outros monumentos de Paranhos nada se pode afirmar ou negar a este respeito, porque o terreno, em que hoje se encontram, está cultivado agora, sendo mais que provável que andasse a brávia na época em que foram construídos.

Exceptuando o da Coutada e o de Valdeivão, que ficam em lombadas, todos os outros estão em pequenos concaes.

Nada nos indicou que as sepulturas em rocha e os penedos com gravuras ocupassem sítios intencionalmente determinados.

k) Em Paranhos, já o dissemos, as antas têm para o povo o nome de «casas dos mouros». No Seixo parece ser também usual esta denominação. A uma anta entre Rio Torto e Arcozelo chamam «Pedra de Orca¹⁸» ou «Penedo dos Mouros», segundo nos disseram. Não vimos que o nome de anta fosse conhecido; mas bem conhecidas são as antas de Penalva, que, é bom notar-se, ficam, como as mencionadas, na margem do rio Mondego.

Quanto a tradições ligadas a estes monumentos, em Canas de Senhorim, segundo o sr. Pinho Leal, era costume queimarem-se os dízimos sobre as antas desta localidade. Na anta de Carvalhal de Gouveias, como nos assegura o sr. Luís Augusto Rebelo da Silva, médico-cirúrgico em Pinhel, sucedia a mesma coisa, com a particularidade de se tirar da direcção do fumo, conforme ele se inclinava para a direita ou para a esquerda, o prognóstico sobre a abundância ou carestia do ano¹⁹.

¹⁸Este mesmo nome é usado em outras localidades da Beira, como se vê no «Portugal antigo e moderno», do sr. Pinho Leal. Do autor sabemos que um erro tipográfico desfigurou o nome de Orca no artigo do seu dicionário, Canas de Senhorim.

¹⁹O agouro tirado da direcção do fumo, é conhecido em Basto. Aí, quando alguém morre, queima-se-lhe a palha do enxergão. Se o fumo sobe direito para o ar, a alma do defunto foi para o céu; se inclina para a esquerda, foi para o inferno; se para a direita, para o purgatório. A mesma superstição existe na Ponte da Barca.

Acerca das sepulturas em rocha não recolhemos tradição alguma. O seu nome mais popular é o de «pias» (o mesmo no Minho), a ponta de que o Casal de Pias, perto de Castelo Reigoso, não deve a sua denominação senão às muitas sepulturas que lhe ficam próximas.

Como nas nossas outras províncias, as lendas populares localizam-se de preferência em penedos, e contêm no essencial as mesmas ideias míticas.

Vamos dar conta de algumas, para prova do nosso acerto.

No Sabugueiro (margem direita do rio Alva), que é o «limite dos marouços», um pastor ia passando com o seu rebanho e o seu cão por diante de um penedo, e, vendo sobre ele uns figos secos, ia a deitar-lhes a mão, quando uma voz lhe gritou: «*Schit! Schit! larga isso.*» Não obstante a voz abrandar de tom e continuar dizendo que lhe cederia os figos, se o rapaz em troca lhe desse os safões (calções de peles usados pelos pastores), o pastor largou a fugir, porque descobriu que quem assim lhe falava era uma estranha criatura, meia mulher, meia cobra. O narrador não deixava de comentar que, se o rapaz se deixasse beijar pela mulher, esta quebraria o encanto.

A 2 quilómetros a sul de Torrozelos há o «Penedo do Jogo», assim chamado, «porque costumam os mouros vir para ali jogar²⁰». De vez em quando aparece nele uma moura a acenar aos transeuntes para que se aproximem; mas não consta que ninguém acedesse ao convite.

Não sucedeu o mesmo em Filhadosa, também vizinha de Torrozelos. Aí, havia igualmente um penedo, onde costumava aparecer um vulto «de barrete vermelho», que pedia aos passageiros, ou um cabelo ou um fio de lã, prometendo-lhes muitas riquezas em troca. Não sabia dizer o narrador se o fio de lã também havia de ser vermelho (particularidade que não é alheia a esta lenda); mas sabe que o mouro quebraria o encanto, se recebesse uma das coisas com o proverbial beijo, segundo parece, pois que um tal que anuiu ao convite do mouro, viu-o trepar por ele acima sob a figura de uma cobra, e, apesar de prometer que não se assustaria com o que visse, quando sentiu o encantado chegar-lhe ao pescoço, repeliu-o violentamente. O vulto desapareceu, dizendo: «O que tu perdeste!»

²⁰As etimologias populares são frequentes na Beira. Folgozinho, por exemplo, vem de folgo (fôlego), porque um certo rei, subindo o monte, parou na meia encosta, onde hoje é Folgozinho, «para tomar folgo».

Como se vê, estas lendas em nada diferem das conhecidas noutras partes.

A seguinte contém uma circunstância pouco vulgar e por isso a mencionamos. Um rapaz de Travancinhos, hoje Travancinha (somos o eco fiel do narrador), indo ao moinho, viu numas fragas próximas da ponte de Juaes (já sobre o Alva e Caniça reunidos) uma mulher muito linda, que lhe prometeu grandes riquezas, se ele voltasse por ali e não dissesse nada do que vira e ouvira. O rapaz não se teve, que não contasse tudo à primeira pessoa que encontrou, e esta às justiças da terra. Tirou-se logo uma devassa em forma e o processo foi guardado por muito tempo numa casa de Santa Eulália, duvidando-se se ainda lá existe hoje. Isto passou-se «antes dos franceses».

Neste ramo de arqueologia a colheita deve ser profusa e variada. As tradições e lendas têm aqui um ar de vida notável. Há de tudo: penedos cheios de tesouros, mas contra os quais é impotente qualquer instrumento conhecido, que se põe necessariamente em estilhas contra a dureza da rocha, como sucedeu num fragão próximo ao «Penedo do Bom Nome» (Torrozelo); os Galhardos (diabos), fazendo ruas, como em Folgozinho, e outras vezes pontes, como a Ponte Nova entre Teixoso e Caria. Numa destas construções a "mãe do diabo" ajuda à obra, acarretando pedras e fiando ao mesmo tempo numa roca (o mesmo se conta noutras partes das mouras).

Noutra ordem de factos temos a benção, dentro da igreja, de bois bravos, ainda não *junguidos* (sic), como em Sandomil; a posse temporária dos baldios pelo primeiro ocupante, que na noite do Natal ou de S. João os vai marcar com um rego, como em Valesim, etc., etc.

Antinhas. –Com o nome de antinhas são conhecidas, desde Belmonte até Idanha a Velha, algumas construções, que não sabemos classificar, por não podermos fazer delas uma perfeita ideia.

São antas? São antelas? Forcejamos inutilmente por apurar se estas construções tinham um dos lados abertos. A resposta insistente é que são uma espécie de poço.

Sendo antas, falta-lhes em todas a mesa.

Umas são redondas, outras quadrilongas. As redondas compõem-se de sete e oito pedras, que têm de altura umas 3, outras 4 metros e mais.

Estão descobertas; mas é para notar que outro nome, com que são designadas, é o de «madorras», que em muitas partes é sinónimo de mamoa.

Algumas ocupam o cimo dos outeiros, como a do Torrão (Idanha-a-Velha), que fica no alto do «Cabeço dos Mouros», outras acham-se em planícies.

Nomearam-nos, além da do Cabeço dos Mouros, uma de Belmonte, perto do Zêzere; três na Ribeira da Meimôa; uma perto da quinta do Ortigal; uma no Arundinho, perto de Unhais; três na ladeira dos Vinte.

Têm sido encontradas dentro delas «cunhas que medem de comprido 20 a 25 centímetros, e 8 a 10 de largo, e estas têm a cor preta e parecem de pedra» (machadinhas sem dúvida). Demais disso, aparecem também «costeletas, como de porco», mas dispersas, e têm a cor de café escuro; são rijíssimas, e feridas com fuzil ferem lume como se fossem pederneiras (facas de sílex, parece).

VÁRIA

No monte Arroio, no ponto, onde a estrada de Seia entronca na de Coimbra, apareceram, ao abrir a estrada, e 1 metro abaixo da superfície do solo, várias sepulturas abertas no saibro de 2½ metros sobre 1½, e dentro caveiras e ossos de esqueleto completo, que se desfaziam em pó, mal eram expostas ao ar livre. Junto com os ossos algum carvão²¹.

Quando no caminho de ferro da Beira se segue o pitoresco vale do Mondego, avistam-se muitos grupos de casas vulgares, mas entre estas, por vezes, mais ou menos isoladas, algumas de construção especial, de aspecto mais pobre, rude e rudimentar. São quadradas ou circulares, com tectos de colmo de forma cónica; as casas quadradas mesmo têm o tecto de tal modo disposto, que segue a princípio as faces do edifício, mas vai boleando sucessivamente, e a certa altura, menos de metade, já a forma é perfeitamente cónica.

Há uma indústria muito curiosa dos pastores de alguns sítios dos arredores da Guarda, especialmente do Jarmelo. Fabricam vários objectos, quase sempre cruces, com bocadinhos de madeira, chanfrados, que travam de modo engenhoso. O elemento isolado é .

São também notáveis as cucharras (colheres), fabricadas pelos pastores da Serra da Estrela, de «pau do ar» (chifre), preto ou branco, e com o seu cabo diversamente ornamentado.

Um cerro, que dá sobre a Nave de Santo António, tem o nome de Espinhaço do Cão.

Loiva = noiva.

²¹ Informação do sr. António Saraiva, de Seia.

Sirouco = neve miúda.

Na construção da Ponte Nova, entre Teixoso e Caria, os galhardos (diabos) lidavam com toda a azáfama para acabar a obra, quando cantou um galo. «Já cantou o galo, dizia um deles, vamo-nos». Foi o galo pardo, observou outro. «Não, foi o galo preto romano, replicou o primeiro».

E perderam a partida.

Na benção dos touros bravos em Sandomil o padre lê o evangelho, pondo-o entre as pontas do animal.

Em S. Domingos, perto de Seia, para qualquer se livrar das sessões, oferece ao santo uma telha. A promessa, porém, só vale reunindo as duas condições: a telha há-de ser roubada e a uma pessoa brava (de coragem). O mesmo costume existe no Alentejo, e é vulgar no Minho.

Em Paranhos e outras partes: pinheiro esfolado indica sítio baldio, mas já apropriado por um primeiro ocupante. Bandeira vermelha diz que o proprietário matará qualquer animal, que entrar naqueles terrenos. Bandeira branca diz que nas terras, onde ela se encontra, há substâncias envenenadas.

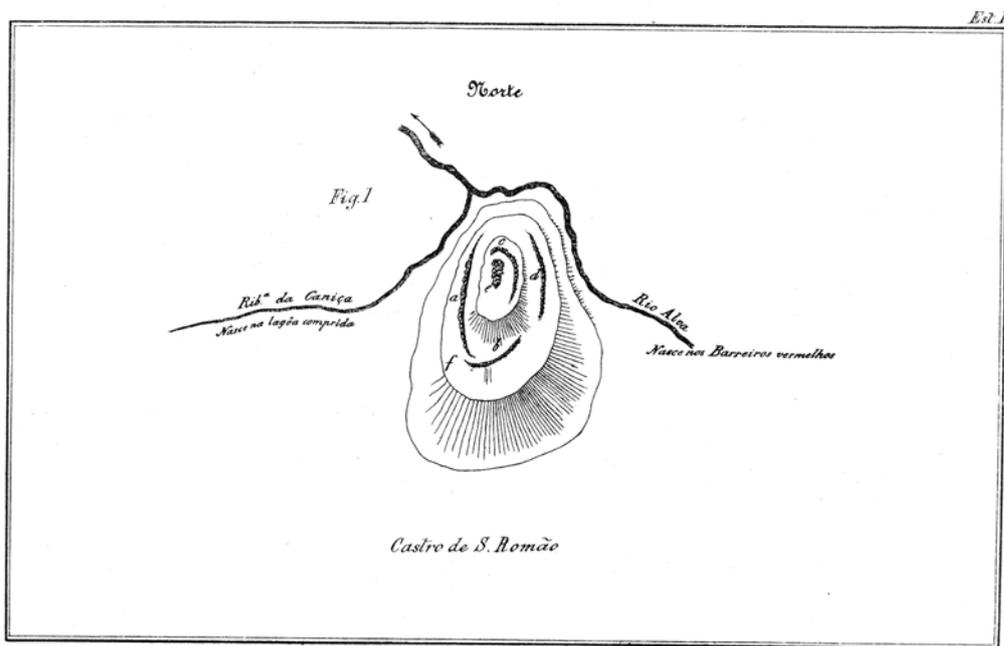
Burro, picanço, zangarilho, são nomes que nos arredores de Seia designam um engenho muito primitivo de tirar água, e que se encontra igualmente em outras províncias nossas. É um pinheiro que joga como uma balança, mas sempre desequilibrado, porque uma pedra na extremidade oposta aquela em que está preso o balde é mais pesada que este e que a água que ele pode conter, e ergue-o naturalmente do fundo do poço, onde só há o trabalho de o mergulhar.

Jogos usados pelos rapazes de S. Tiago, defronte de Seia: alfinetes, anel, bilharda, bola, botão, argolinha, burraca, burrinho, cabra cega, castelos, cantos, chapas, dedais, fito, galinhas, inferno e paraíso, laranjinha, malhão, pela, pião, papagaio, pitorra, rapa, talinhos, truques, covinha, pares e nunes, jogo da rainha.



casadesarmento

centro de estudos do património



Est. I

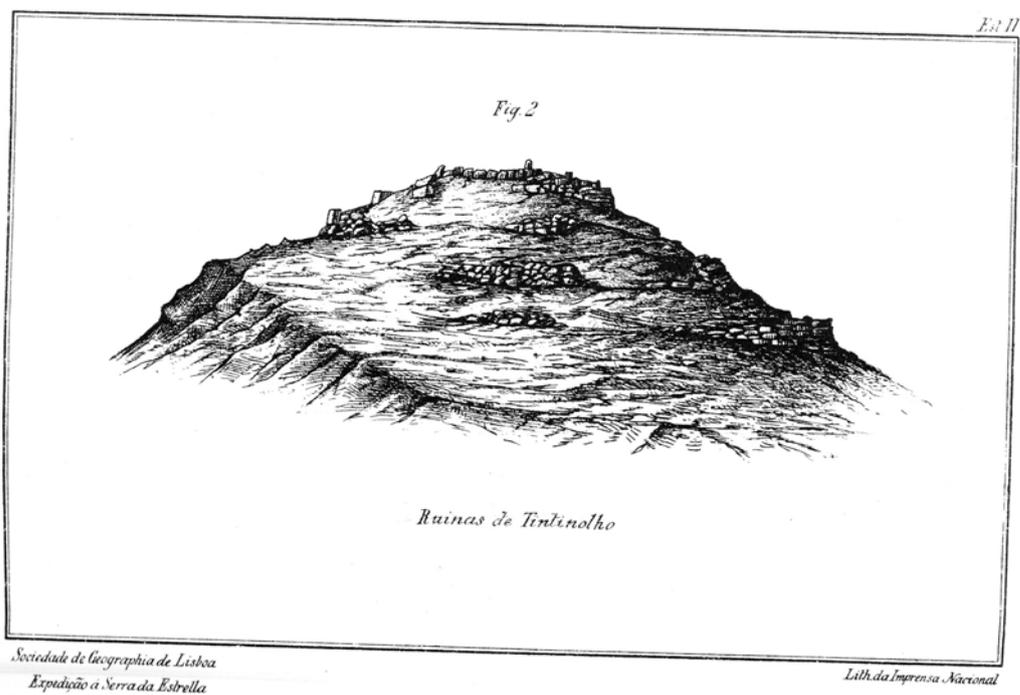
*Sociedade de Geographia de Lisboa
Exposição á Serra da Estrella*

Lith. da Imprensa Nacional



casadesarmento

centro de estudos do património





Est III

Fig. 3



Fig. 4



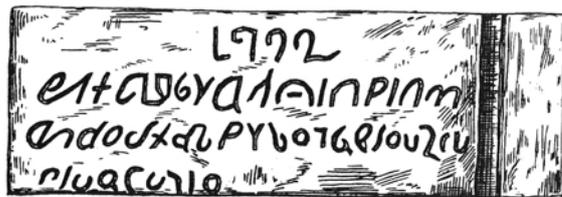
Fig. 5



Fig. 6



Fig. 7



Inscrições de Bobadella

*Sociedade de Geographia de Lisboa
Expedição à Serra da Estrella*

Lith da Imprensa Nacional



Est IV

Fig. 8



Espiral de Bobadella

Fig. 9



Fig. 10



Muchados de bronze encontrados em Azevo

*Sociedade de Geographia de Lisboa
Expedição á Serra da Estrella*

Lith. da Imprensa Nacional



casadesarmento

centro de estudos do património

Est. V

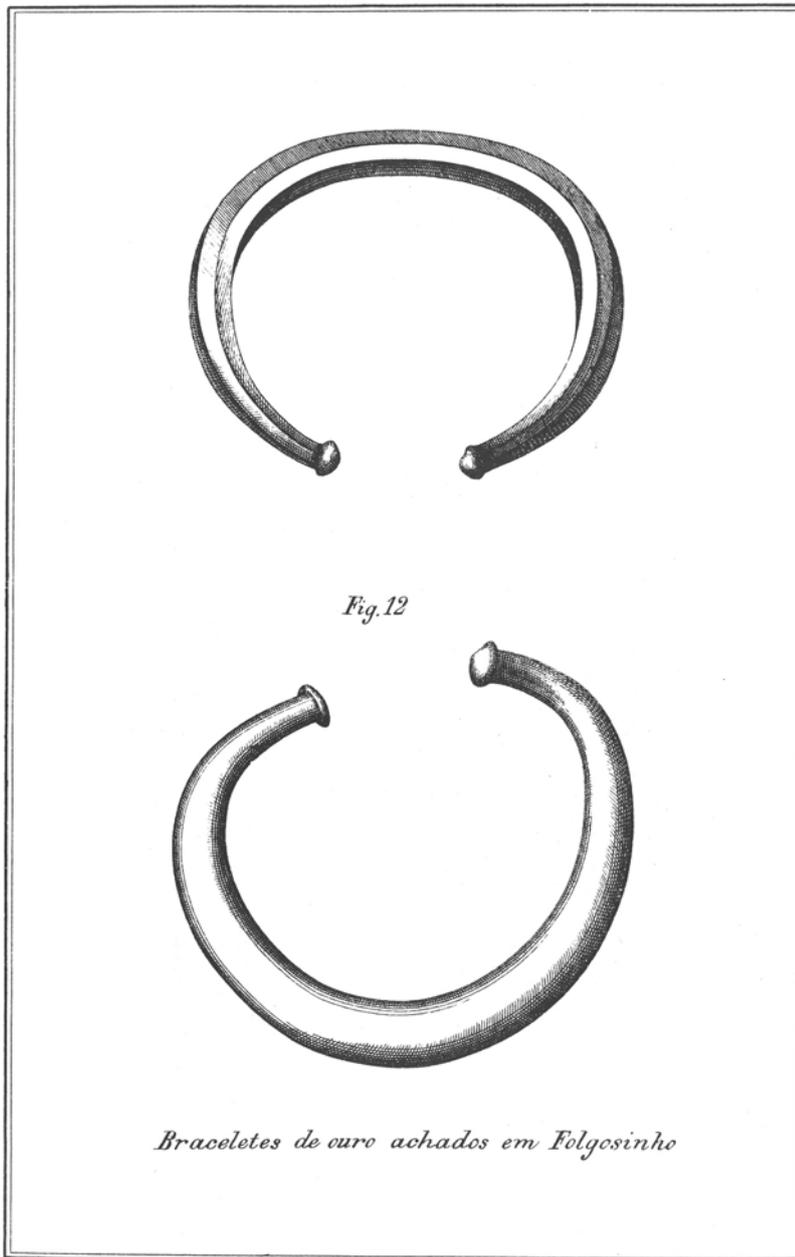


Fig. 12

Braceletes de ouro achados em Folgoso

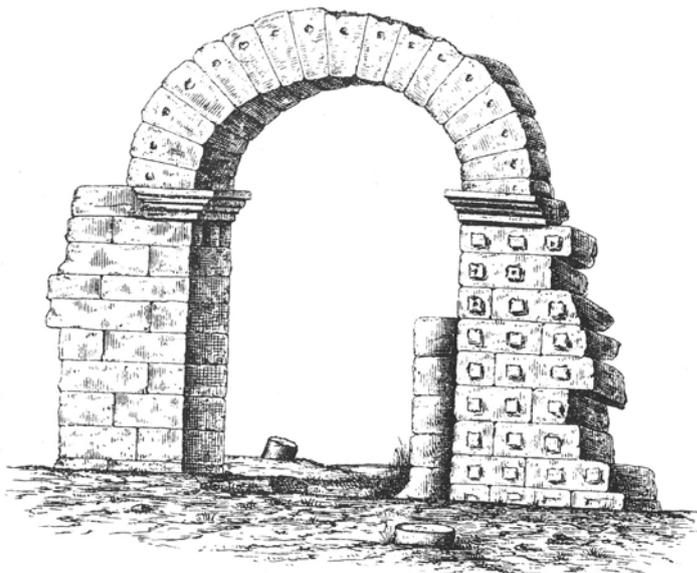
*Sociedade de Geographia de Lisboa
Expedição á Serra da Estrella*

Lith. da Imprensa Nacional



Est.VI

Fig. 13



Arco Romano de Bobadella

Fig. 14



Fig. 14A



Anta do Fontão, frente e lado

*Sociedade de Geographia de Lisboa
Expedição à Serra da Estrella*

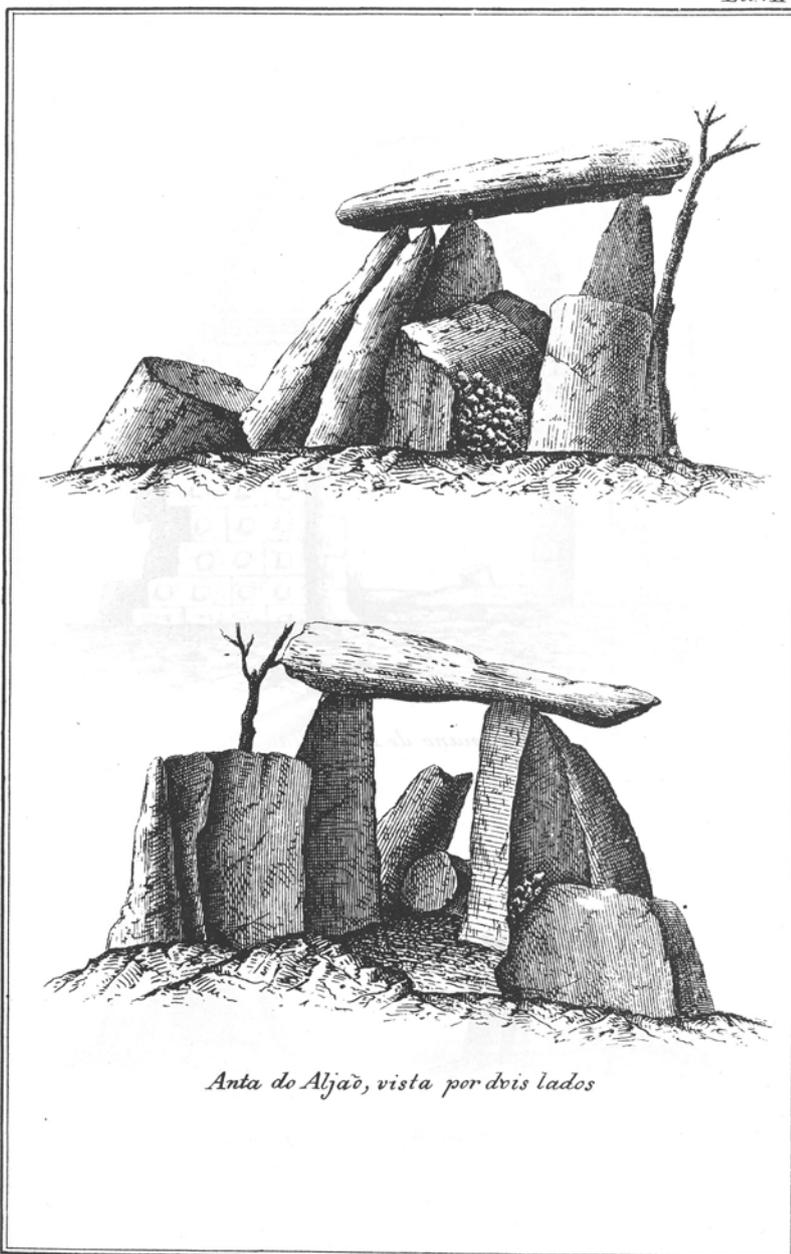
Lith. da Imprensa Nacional



casadesarmento

centro de estudos do património

Est VII



Anta do Aljaço, vista por dois lados

*Sociedade de Geographia de Lisboa
Expedição à Serra da Estrela*

Lith. da Imprensa Nacional

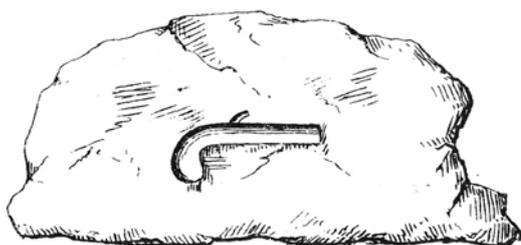


casadesarmento

centro de estudos do património

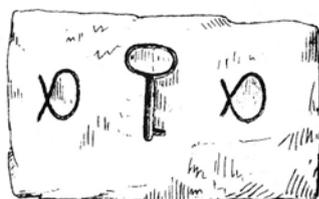
Est. X

Fig. 19



Gravura em rochedo (Nogueira sobre Ceia)

Fig. 20



Gravura em pedra (Sabugueiro)

*Sociedade de Geographia de Lisboa
Expedição á Serra da Estrella*

Lith. da Imprensa Nacional

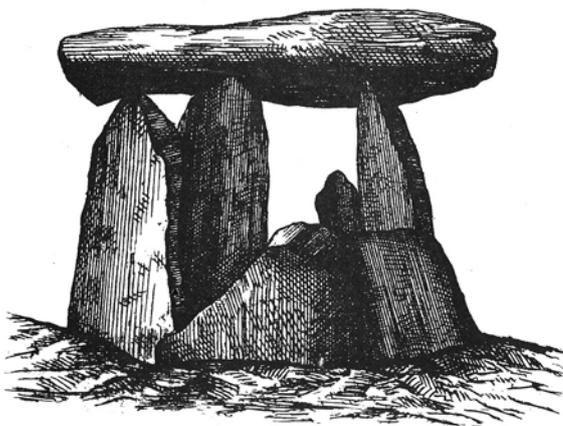
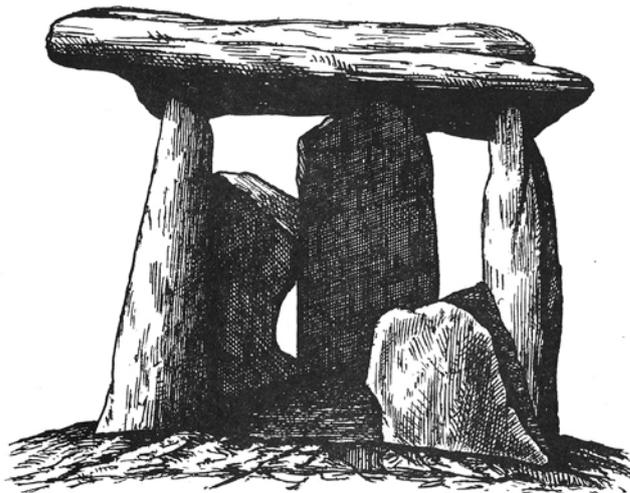


casadesarmiento

centro de estudos do património

Est. VIII

Fig. 16



Anta do Carvalho de Gouveias, vista por dois lados

*Sociedade de Geographia de Lisboa
Expedição à Serra da Estrella*

Lith. da Imprensa Nacional



Fig. 17



Sepultura aberta em rocha (Paranhos)

Fig. 18



Sepultura aberta em rocha (Jarmello)

*Sociedade de Geographia de Lisboa
Expedição á Serra da Estrella*

Lith. da Imprensa Nacional